

# REorganiCIDADE



Matheus Guilherme da Silva



Matheus Guilherme da Silva

# REORGANICIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Prof. Orientador: Marcelo Drummond

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2017





Agradeço aos professores da habilitação de Artes Gráficas, professores convidados: Amir e Elisa pelo convívio, ensinamentos e experiências trocadas e ao meu Professor Orientador Marcelo Drummond. Obrigado pelas experiências valiosas ao longo de meu caminho.



# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                        | <b>7</b>  |
| <b>PESQUISA DE CAMPO.....</b>                 | <b>11</b> |
| Percursos de ida - Casa → Centro.....         | <b>15</b> |
| <b>FORMAS DE REGISTRO .....</b>               | <b>22</b> |
| Percurso de volta - Centro → Casa.....        | <b>32</b> |
| <b>TEXTURAS GRÁFICAS.....</b>                 | <b>38</b> |
| Textura da cidade.....                        | <b>38</b> |
| <b>A CIDADE COMO CORPO GRÁFICO.....</b>       | <b>39</b> |
| <b>CIDADE INVADIDA.....</b>                   | <b>46</b> |
| O cinema e suas imagens.....                  | <b>48</b> |
| <b>FRAGMENSTRUTURA: A CIDADE RECORTE.....</b> | <b>61</b> |
| A monotípia e suas texturas.....              | <b>65</b> |
| <b>REABITAÇÃO.....</b>                        | <b>77</b> |
| <b>Considerações Finais.....</b>              | <b>84</b> |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>        | <b>85</b> |

---

# INTRODUÇÃO

---

A colagem vem se apresentando como um manifesto para mim, ela tem o papel de um ato experimental e de contraposição de tudo o que vejo. Seria uma alternativa visual do atual presente em que vivo. Exploração de lugares é também exploração de possibilidades para mim, é o que tem me instigado. Os lugares são a grande fonte de todo meu material artístico, a cidade de Belo Horizonte é a protagonista da minha obra, seu corpo é muito atrativo para o olhar e derivando-se dele: remontagens, reinterpretações, reorganizações e recortes é o que nasce. Aprendi no caminhar o quão potente são as transformações que se encontram a cada esquina em que viro.

O homem desde o início de sua existência possuía uma forma simbólica de transformar sua paisagem. Essa forma era o caminhar, uma ação primal que é inconcebível de imaginar-nos sem ela, aprendida com fadiga nos primeiros meses de vida que deixa de ser uma ação consciente para ser natural e automática. Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o rodeia

e também caminhando que surgira categorias nas quais interpretara as paisagens urbanas em que nos circundam.

O caminhar como prática estética consiste em ser, nas palavras do pesquisador Francesco Careri um “caminhar como forma de intervenção urbana” e a “errância como arquitetura da paisagem”. *Andare a Zonzo* (“andar à toa”) permitira ver paisagens e sobretudo criar paisagens. A prática do caminhar é explorada como uma ação empírica, não se tratando do caminhar banal do cotidiano, e que de forma histórica conseguimos traçar um caminho desde os primeiros povos nômades caminhantes até os artistas da *land art* dos anos de 1960/1970 que exploraram essa prática artística em meio ao espaço em que vivem. Exemplificando o grupo romano *Stalker* em 1995 com a primeira ação *Stalker* chamada “*Stalker Attraverso i Territori Attuali*” uma caminhada de quatro dias e três noites, 60 km a pé, em torno de Roma pelos “*Territori Attuali*” que são os espaços intermediários em torno da cidade e a sua margem. A busca pelos “territórios

atuais” através da prática do caminhar possibilita ver o que se tem ao redor dos muros visíveis ou invisíveis, espaços urbanos indeterminados, territórios em plena transformação.

Ações se derivaram (*flâneur*, deambulações, derivas) na *land art* e elas são como o núcleo para o andar vadio potencializado para a descoberta mediante a observação do transeunte chamado por Oiticica de “delirium ambulatorium”. A chamada “Transurbância” citada por Careri em *Walkscapes* (2002) seria a denominação do processo exercido: o caminhar em busca do desconhecido “escondido”, travessia de outros territórios. “Perde-se” é um ato em que o transeunte se “liberta” da percepção óbvia do espaço que o circunda e que em torno dessa experiência uma nova dialética se cria em que o sensorial se contrapõe ao racional.



(fig.1: Registro durante o caminhar pela cidade)

*“Perde-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade do espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender do espaço que nos circunda [...] Já não somos capazes de atribuir um valor, um significado à possibilidade de perder-nos. Modificar lugares, confrontar-se com mundos diversos, ser forçados a recriar continuamente o pontos de referência é regenerante em nível psíquico...”*  
(La Cecla, Franco. *Perdersi. l'uomo senza ambiente*. Roma-Bari, Laterza, 1988)

A concepção da exploração de territórios pelo caminhar carrega com sua linha lógica de percurso um ato reinterpretativo pois a prática artística o usa como meio de extrair poéticas que na história da arte revelou-se um útil instrumento estético transformador de espaços nômades na cidade contemporânea.

A mudança que a cidade passa é na maioria das vezes lenta mas constante. Nasci e cresci em Belo Horizonte e vi mudanças consideráveis pois como habitante de uma grande cidade estou sujeito a presenciá-las. Percebi que a mudança é constante, meu olhar como jovem artista se baseia também em mudanças: criando-as. Procurar e trazer à tona o que a cidade tem de potência visual. A exploração gráfica no urbano e seus desdobramentos me levaram ao fazer deste trabalho.

Primeiramente essa pesquisa é feita com o olhar de um observador caminhante. Desde seu princípio com registros fotográficos até seus desdobramentos gráficos experimentais que mesclam monotipia, fotografia, colagem, e animação. Proponho nesta monografia a descrição de meu processo criativo em ordem cronológica que dividida em “capítulos” irá elucidar a minha relação entre com cidade fonte artística.



---

# PESQUISA DE CAMPO

---

Tenho meu processo de produção como algo imersivo e particular. Ele carrega minha visão que é refletida no que coleteo, remodelo e revelo. Preciso estar de corpo e mente no fazer, essa exigência física diz respeito à minha ida a campo que é muito importante no meu processo de produção: uma espinha dorsal. O campo se revela a mim nessa prática estética, eu como sujeito flâneur no séc XXI de uma metrópole.

*“Nesse sentido, é possível relacionar a esse caminhar como prática estética a obra de Walter Benjamin, com a própria constituição do flâneur como observador privilegiado da vida moderna e a flânerie como meio de apreensão e representação desse espaço, bem como as teorias exploradas por esse autor em relação as representações do espaço a partir do conceito da imagem dialética através do olhar estético.”*  
(BENJAMIM, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.)

Caminhar pela cidade é uma ação cotidiana automática e no meu caso digo “recaminhar” ela cidade pois deixa de ser banal. A partir do momento que me proponho a seguir o caminho da errância (fundamental para a resignificação do corpo urbano) há de fato uma despretensão, é como estar à deriva “boiando no mar chamado cidade” e de certa forma sinto estar vivendo-a. Isso faz com que meu olhar amplie e entenda a cidade como “indivíduo”, aguça meu olhar e pensamento, caminhos levam a encontros. A partir

do momento que me disponho a refletir meu interesse pela a busca da “Nova Babilônia” (BERENSTEIN 2002 apud LAMBERT, J.C. 1997) a cidade projeta para mim resquícios dela. Há uma grande diferença que percebo no caminhar cotidiano e no caminhar errante, de forma mais intimista me sinto acolhido pela cidade no caminhar errante.

*“(…) Eu passo parte do meu tempo caminhando pela cidade (...). Com frequência a concepção inicial de um projeto surge durante uma caminhada. Como um artista, minha postura é similar aquela de um transeunte - tento constantemente situar-me no entorno que se move. Meu trabalho é uma série de anotações e registros. A invenção da linguagem coincide com a invenção da cidade. Cada uma de minhas intervenções é um outro fragmento de uma história que eu estou inventando, sobre a cidade que eu estou mapeando.”*  
(ALYS apud KIM, 1994)

O trabalho envolve a colagem a partir de fotografias autorais onde proponho a reconstrução da paisagem de Belo Horizonte. Uma reinterpretação da cidade feita com os registros da coleta em campo, onde me disponho fotografar o cenário que transito, assim como o artista Belga Francys Alÿs nas obras *The Collector* e *Magnet Shoes* onde ele se dispõe do caminhar e da coleta em campo. A colagem da cidade é uma proposta de reinventar o meu espaço cotidiano, é explorar como matéria prima o corpo da cidade para



produzir um novo. Realidade fantásticas, distorções de espaço, humor, bizarro, são características que a cidade possui devido a seu protagonismo em meu trabalho.

## Francys Alÿs



(fig. 02: Magnetic Shoes, 1994)

*“A cidade surrealista é um organismo que produz e esconde no seu seio territórios a ser explorados, paisagens nas quais perder-se e nas quais experimentar sem fim a sensação do maravilhoso cotidiano. O dadá intuía que a cidade podia ser um espaço estético no qual operar através de ações cotidianas e simbólicas, e convidara os artistas a abandonar as formas costumeiras de representação indicando a direção da intervenção dirigida no espaço público.”*  
(CARERI, Walkscapes. 2002, p. 83)

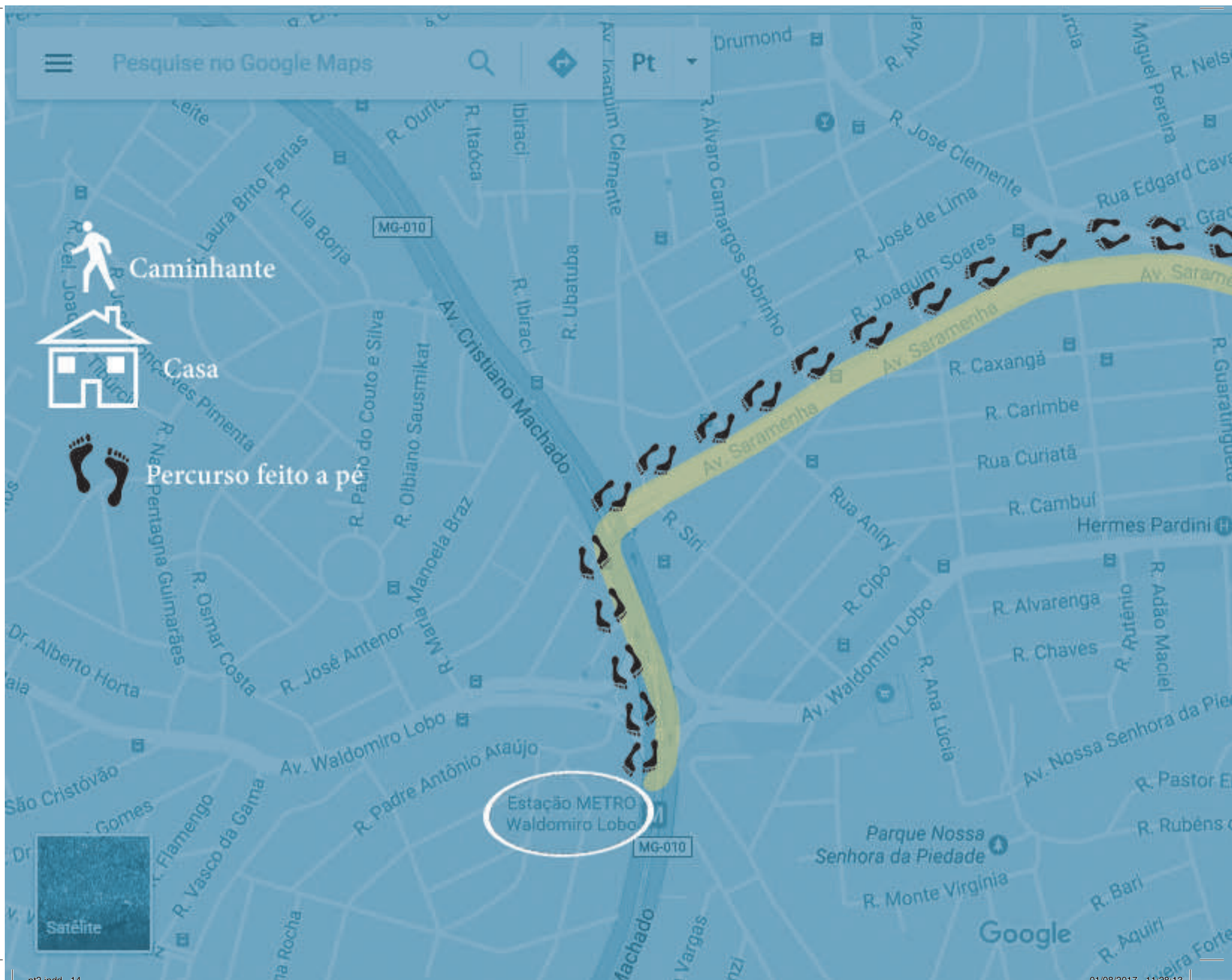
Vejo os resultados como ramificações de um organismo vivo que é a cidade, são todos uma representação da própria mudança contínua que ela passa, fonte de um campo fértil que constantemente vem me possibilitando explorar suas múltiplas faces. Minha representação da mudança é refletida no trabalho com a colagem, uma mudança do local que me é tão familiar, que é de certa forma até agora o ponto fixo que guarda toda minha existência. O fazer da reconstrução, ou transformação (mudança no geral) se dá pela exploração de um subconsciente tanto meu quanto da cidade. Experimentação vivencial é o que eu sinto quando caminho e vou de encontro à cidade que é o núcleo do meu trabalho, uma experimentação que engloba sujeito e espaço e que dela materializa a experiência vivida no contexto artístico.

*“Além dos territórios do banal, existem os territórios do inconsciente; além da negação, ainda existe a descoberta de um novo mundo, que é indagado antes de ser rechaçado ou simplesmente ridicularizado. Os surrealistas têm a convicção de que o espaço urbano pode ser atravessado com a nossa mente; de que na cidade pode se revelar uma realidade não visível. O surrealismo é uma espécie de investigação psicológica da própria relação com a realidade urbana, uma operação já praticada com sucesso por meio da escrita automática e dos sonhos hipnóticos, e que também pode voltar a ser proposta diretamente ao se atravessar a cidade.”*  
(CARERI, Walkscapes. 2002, DA CIDADE BANAL À CIDADE INCONSCIENTE p. 82,83)

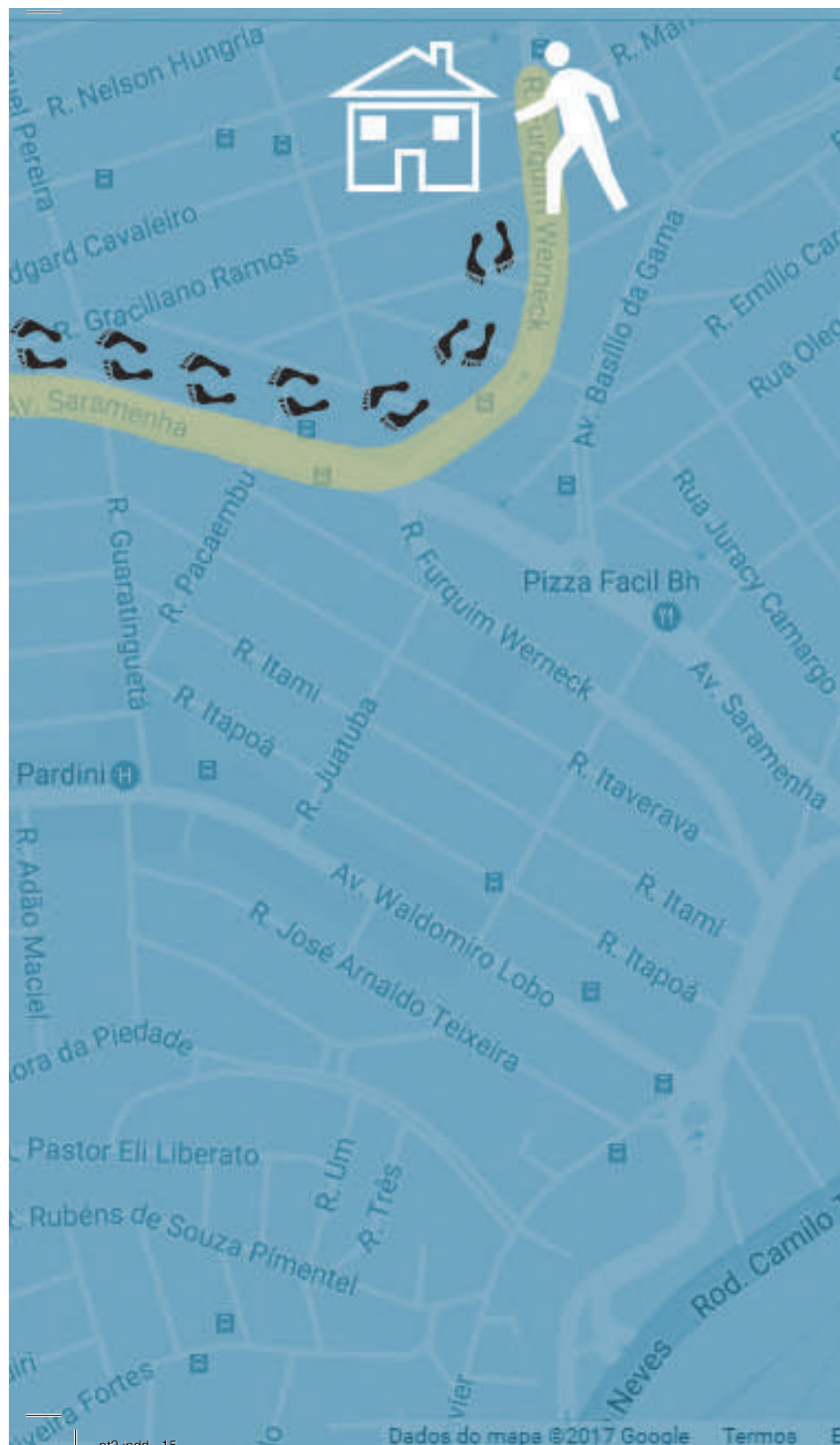


(fig. 03: The Collector, Francys Alÿs, 1991-1992)

Francis Alys (colaboração de Felipe Sanabria) (Bélgica, 1959 -)  
The Collector, Cidade do México, 1991-1992. Cachorro magneti-  
zado com rodas, vídeo, fotografia, mapas, esboços e anotações:  
dimensões variáveis. Exposição: A idade das discrepâncias: Arte e  
cultura visual em México 1968 - MALBA – Argentina, 2008.







## Percurso de ida - Casa → Centro

Na ida à campo saio de casa pela manhã com minha máquina fotográfica e mantimentos na mochila. Escolho o transporte público (metrô e ônibus) para a locomoção até o centro, eles são práticos e possuem fácil acesso aos locais. Na caminhada e no transporte público estou sempre aberto aos acasos, como por exemplo: desvios de rotas que levam a lugares inéditos, descer no final do ônibus para ver onde que vai dar... Apenas tenho em mente o que eu gostaria de encontrar e não qual lugar gostaria de visitar.

Minha busca parte pelas texturas, formas, ruídos visuais, pedaços de estruturas, ornamentos, símbolos, escritas... resíduos de tudo que é urbano. Fotografo as zonas urbanas como um viajante em busca. A cidade é viva e por si só sofre constantes mudanças. Muitas coisas se perdem e muitas outras são achadas.

Deslocar-se por essas “zonas” sem saber o que elas irão me mostrar é algo que faz parte da minha prática artística. A incerteza que temos no ambiente “aberto” (público) é uma enorme potência para uma pesquisa de “coleta” presente neste trabalho. Em contraponto temos o ambiente privado que é nosso lar, nele estamos dispostos a nos recolher de todas

(fig. 04: Mapa do percurso ao metrô)

as idas e vindas, conhecemos cada canto, temos só certezas... então o caminhar errante se faz valioso, pois vejo-o como um ato de se despir e se lançar à sorte. Creio que nossa sensibilidade muitas vezes é obstruída quando estamos “vestidos” de certezas.

*“Os limites espaciais se mostram menos rígidos. Entre interior e exterior, entre dentro e fora, entre privado e público, entre aqui e lá. Novamente o espaço do “entre”. Entre dois. Estar “entre” não quer dizer ser uma coisa ou outra, quer dizer ser temporariamente uma coisa e outra. Estar no meio de (en train de)... Em trans-formação. É não somente estar no meio ou em um meio, mas ser o próprio meio.”* (“Trialogue: lieu/mi-lieu/non-lieu”, publicado em Lieux Contemporains, Descartes&Cie, Paris, 1997.)

É visível a mudança que acontece no decorrer do caminho. Do bairro para o centro há uma grande transformação visual, sonora e espacial. Enxergo a transformação que está acontecendo na cidade e todos nós fazemos parte dela ao viver e habitá-la.

O percurso é contaminado de imagens, são elas estruturas ou mesmo as intervenções que se encontram nelas (lambes, cartazes, anúncios, grafites, escritas, sinalizações). O caminho é fonte de imagem.

























# FORMAS DE REGISTRO

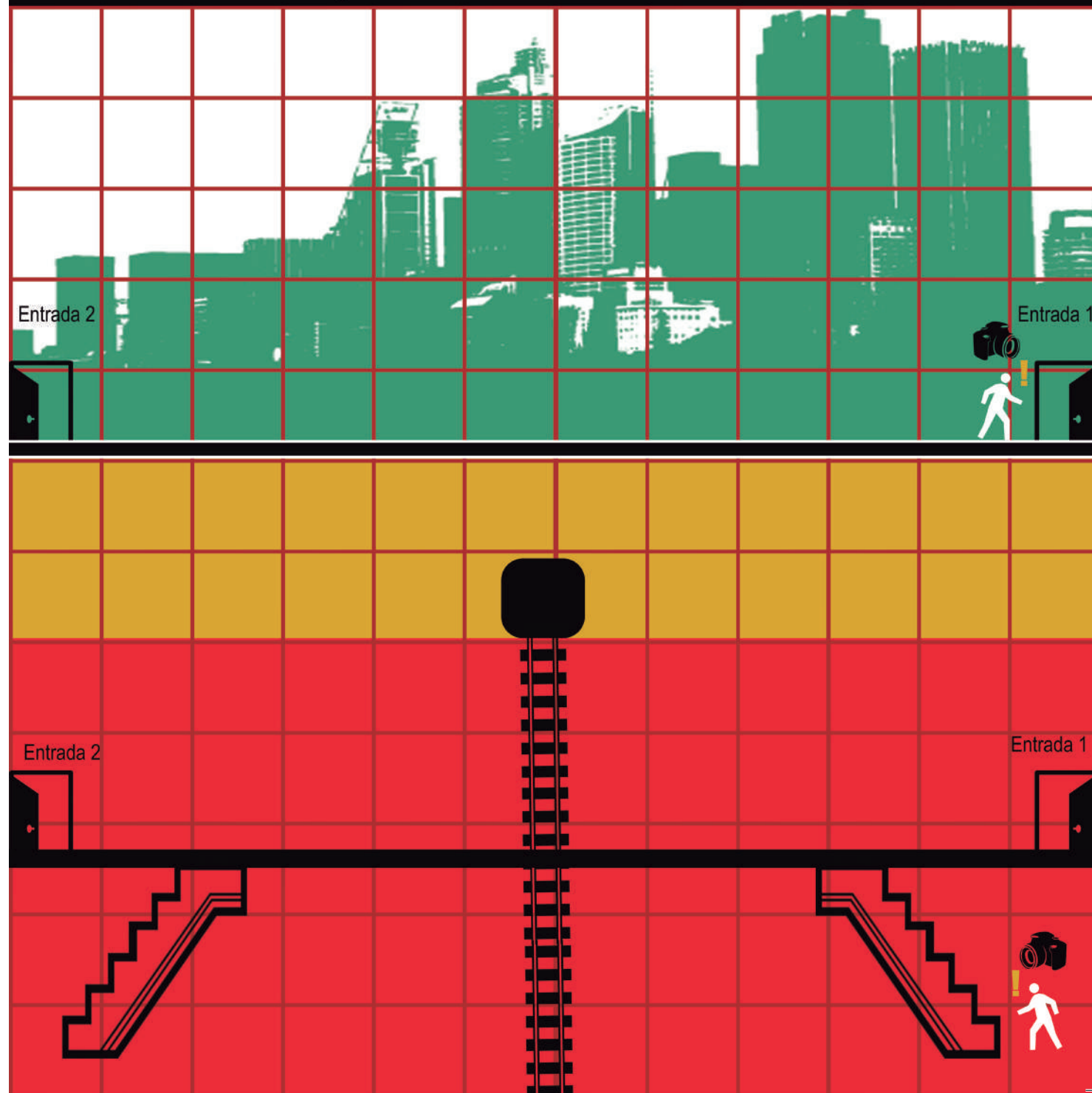
No ato de caminhar eu vou coletando os pedaços de uma outra cidade, a cidade nômade que vive em constante mudança: sendo intervida, habitada, demolida, reconstruída, visitada... toda essa metamorfose visual em minha concepção é geradora de novos caminhos que se multiplicam constantemente. Esteticamente o que não se tinha e passa a ter, e isso já é um novo caminho. Nas formas de registros a variedade é presente: trata-se de formas, cores, texturas, tamanhos, tipografias, estruturas dentre outros que exercem uma linguagem gráfica para mim seu transeunte. Essa linguagem é fundamental para a produção do meu trabalho pois ela é o fonte de origem para minha visão da cidade como corpo gráfico.

*“Ao longo dos percursos cuja rota ou duração não são pré-determinadas, o artista posiciona-se como um observador atento à realidade cotidiana da cidade. Essas experiências são animadas pela sedução e afinidade que sente diante do impulso desconcertante e vital de agentes, situações, imagens e contatos provocados por uma cultura urbana imersa em grandes polaridades.” (CARVAJAL, 1998, p. 5)*

Penso se a busca daqueles que caminham têm sempre como objetivo as grandes cidades devido ao acúmulo de conteúdo caracterizando-as como grandes polos, entre eles financeiro e comercial. Mas uma coisa certa: a diversidade cultural e rotatividade das pessoas mantêm a cidade organicamente ativa. Ela representa um núcleo fornecedor para todos que “buscam” no amplo sentido da palavra. Na exploração dos caminhos ao enquadrar e fotografar a paisagem de Belo Horizonte tenho em mente os recortes que serão utilizados no meu trabalho, esses recortes são todos os construtos urbanos. A cidade já é vista por mim como um grande amontoado de recortes. Nessa fase, a minha composição é modelada a priori pela intuição. logo depois acontecem as junções entre o manual e digital.

O centro da cidade é para mim como um termômetro, que na sua função me mostra os pontos de grande “efervescência visual”. Situo-me através de imagens quando estou no centro, vou percebendo um certo “ritmo visual” e com ele vou traçando meu caminho para os registros fotográficos. Expressões são o que a cidade revela em cada fotografia, seus detalhes são minuciosos e cabe a mim percebê-los

# Estação Waldomiro Lobo



(fig. 05: Mapa dos registros no metrô)











para extrair dali meu material. Pode-se esperar que no caminho seja ele qual for estará repleto de substratos físicos ou psíquicos vindo a ser possibilidades de exploração no campo das Artes Visuais.

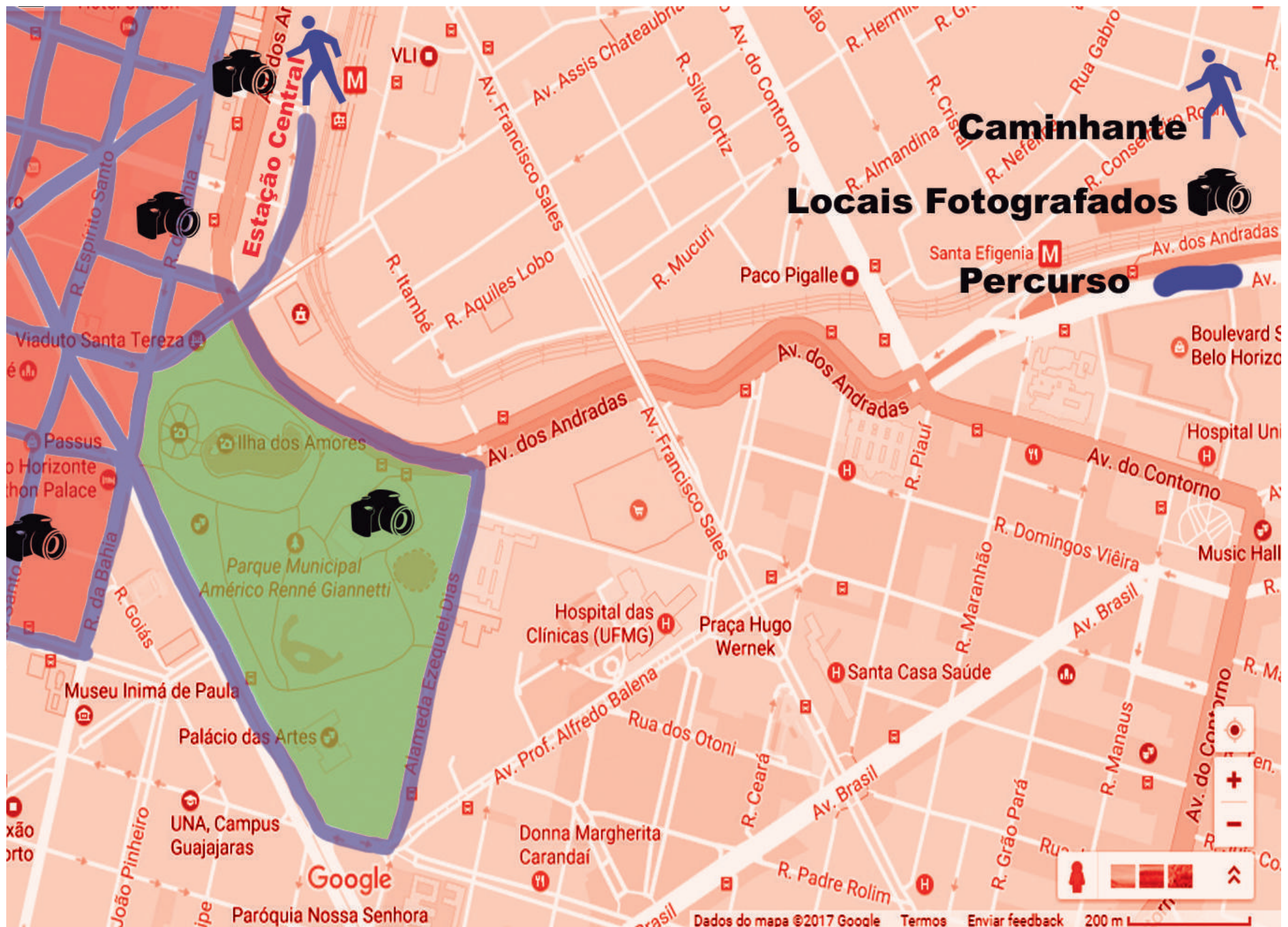
O tempo de observação e registro é para mim muito anestésico, deixo-me envolver no nervo da cidade que para mim são: o barulho, temperatura, ritmo do caminhar alheio, veículos, anúncios orais, dentre outros, e com isso passo a vivencia-la de fato pois sei que o ambiente se dispõe da nossa busca quando estamos de certa forma compenetrados nele.

*“Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender do espaço que nos circunda [...] já não somos capazes de atribuir um valor, um significado à possibilidade de perder-nos. Modificar lugares, confrontar-se com mundos diversos, ser forçados a recriar continuamente os pontos de referência é regenerante em nível psíquico, mas hoje ninguém aconselha uma tal experiência. Nas culturas primitivas, pelo contrário, se alguém não se perdia, não se tornava grande. E esse percurso era abrandado no deserto, na floresta; os lugares eram uma espécie de máquina através da qual se adquiriam outros estados de consciência.” (La Ceela, Franco. Perdersi, l'uomo senza ambiente. Roma-Bari, Laterza, 1988.)*

(fig. 06: Mapa dos percursos no centro da cidade)









































## Percurso de volta - Casa → Centro

Com a coleta de material feita, retorno para casa pela mesma forma que vim: utilizando o transporte público. No caminho de volta começo a conferir pela câmera os registros e vou programando o que poderei fazer com eles. Definitivamente o percurso de volta é para mim um processo de reflexão e acima de tudo descanso físico e mental. O centro da cidade nos exige, seu corpo é dominante sob o nosso, o choque é inevitável. O fim da minha ida à campo acontece quando estou retornando, é seu fim ali. Deixo de ser errante e sigo como viajante de volta às origens. O filósofo Michel Onfray em seu livro “Teoria da Viagem: Uma Poética da Geografia” divide a viagem em três tempos: primeiro tempo: o tempo ascendente dos desejos e preparativos da viagem; segundo: o tempo excitante da descoberta do novo e do desconhecido e terceiro: o tempo descendente do retorno ao lar. Baseio minha reflexão a partir de sua fala. Quando volto da ida a campo, tal qual uma viagem, ela me consumiu fisicamente, mentalmente e emocionalmente. Por isso retorno para apurar os dados e principalmente o descanso se torna muito importante. Retornado já não sou mais o mesmo tornar quer dizer que voltei de

algum lugar e que presenciei senti, toquei, vi, percorri, imaginei, pensei, obtive experiências que antes eu não tinha e que só foram possíveis pela prática que aos poucos estão sendo assimiladas por mim.

Após o tempo de assimilação, começo o processo de triagem: a parte técnica/prática. Começo a montar minha praça: um acervo digital dos materiais que recolhi. Vou retirando da câmera fotográfica o cartão de memória, transfiro para computador e as coloco nesse acervo de campo. Segunda etapa: Nesse processo digital eu seleciono as fotos e as edito, procuro deixá-las com o mínimo possível de reajustes pois prezo por uma foto limpa mais equivalente ao real.

## Rememoração

Assim como as nossas memórias desaparecem, as da cidade também, devido a sua constante mudança. Cada fotografia é tributo a seu corpo, um registro do presente estado, uma memória. Rememorar origina-se da cidade mutante.

# TEXTURAS GRÁFICAS

A textura é o elemento visual que com frequência sugere o tato. Somos capazes de reconhecer uma textura tanto pelo tato quanto pela visão, ou pela combinação de ambos. Algumas texturas não apresentam qualidades táteis, mas apenas óticas, como no caso das linhas de uma página impressa. A textura real, através de suas qualidades táteis e óticas, permite à mão e ao olho sensações individuais.

## Textura da cidade

Essencialmente todo corpo contém textura, algumas mais nítidas que saltam ao olhar e outras mais discretas porém bem definidas que se fazem presente ao olhar mais minucioso. Minha busca é similar a de um detetive desvendando através da observação o real grafismo urbano. Além de vê-lo posso senti-lo tocando na estrutura que o contém. Algumas texturas chamam muito o olhar devido ao acúmulo variado de imagens, tipografias, intervenções urbanas dentre outros. A singularidade contida nas texturas é de total valor, refiro-me especificamente às texturas não padronizadas como por exemplo a textura de

um muro chapiscado, pois sua “organicidade visual” representa o “corpo gráfico”, esse corpo equiparado ao orgânico.



(Fig. 07: Textura do muro chapiscado)

# A CIDADE COMO CORPO GRÁFICO

O “corpo gráfico” interpreto como grande potência visual. Essa potência se encontra dentro de todas as características que pertencem a ele: materialidade, altura, espessura, textura, falhas, caminhos, trilhas, ruas, fachadas, becos, saídas, entradas, encruzilhadas, travessias, bifurcações, formas, estruturas, construções, desconstruções, reconstruções, dentre outros. Cada local contém uma potência visual em seu corpo revestida tal qual pele humana. Eu caminho sobre essa pele para atentar aos detalhes que são como “poros”.







voce  
É A **PERFEITA**  
expressão  
da  
**CRIATIVIDADE**  
do  
**UNIVERSO**

Conselho  
Municipal  
de Cultura





A cidade por mim é vista como um organismo vivo que está em constante evolução, movimentando-se, envelhecendo. O que chamo de “corpo gráfico” é o que ele projeta para mim visualmente, o resíduo que desencadeia o ato de “observar, fotografar e arquivar”. Exemplifico os resíduos sendo tudo aquilo que é contaminado ou formado com características essencialmente gráficas, como por exemplo: as paredes com resquícios de papéis que ali foram colocados (lambe-lambes), grafites, cantos com texturas formadas, corrosão natural ou desgastes que acabam tendo formas, volumes e corpos como se fossem registros de uma experimentação artística.









Nessa exploração consigo associar que eles são como “cicatrices urbanas” que afinal como cicatrizes podem desaparecer ou se tornarem quase imperceptíveis, por isso o registro fotográfico. Ele se torna uma forma de guardar as marcas dessa cidade que se é tão viva e que está em processo contínuo de mudança. O contato e registro das “cicatrices urbanas” prova que ali houve história e acima de tudo mudanças, isso reflete em toda minha pesquisa onde a cidade é protagonista e que assume uma personalidade própria diante de mim.

“O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e de realções. É um organismo vivente, com um caráter próprio, um interlocutor que tem repentes de humor e que pode ser frequentado para instaurar um intercâmbio recíproco.”

(CARERI, Walkscapes. 2002, A DEAMBULAÇÃO SURREALISTA p. 78,79)

A cidade na macro-perspectiva é um grande textura. Suas irregularidades formam texturas, sua altura, seu tamanho territorial... basta olhar uma foto retirada de satélite.

(fig. 06: Foto de satélite de Belo Horizonte - NASA Região Metropolitana, 2011)



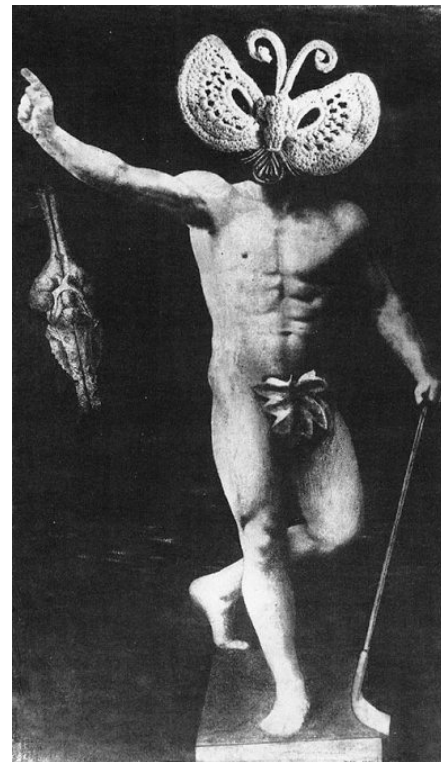


SA



# CIDADE INVADIDA

A “Cidade Invadida” é uma série que apresenta a cidade de Belo Horizonte sob um olhar lúdico intervido de cenários e personagens surreais. O invadir se refere ao que entra e se espalha em um lugar ou ambiente. Ooeticamente essa sutileza do ato representa para mim a mudança porém sem descaracterizar completamente o local. A cidade é um solo fértil que acolhe bem cada adição de imagem e por isso podemos ainda identifica-la ao final de cada colagem. Intuitivamente se fez presente o humor que anda de mãos dadas com o bizarro. “A Cidade Invadida” tem como espinha dorsal o surrealismo, nela crio paisagens fantásticas e seres híbridos.



(fig. 07: Salud a través Del deporte, Max Ernst, 1920)

Nos trabalhos do artista alemão Max Ernst a hibridez dos seres junto ao recorte me instigou explorar as possibilidades de recortes anatômicamente similares.

A cidade de Belo horizonte sempre me atraiu o olhar e com o tempo me convidou a reimagina-la. Ela se mostra um antro de artistas e de arte, então pensei: “por que não faze-la a própria arte?” Refleti de quais formas poderia reapresenta-la ao público e a mim mesmo. Tomei a decisão de explorar possibilidade com a fotografia e a colagem e com o tempo as coisas foram se juntando. Com meu ato de caminhar percebi que a cada esquina que dobrasse encontraria ali no corpo da cidade muito material para utilizar. Como opção de armazenamento comecei a utilizar a câmera fotográfica (Canon EOS REBEL T2i. EF-S 18-55mm) para montar um acervo fotográfico da cidade.

O registro fotográfico de Belo Horizonte é para mim um quadro em branco que me desafia ultrapassar os limites do visual convencional. Com o acervo fotográfico montado consigo experimentar muitas possibilidades na colagem. Reparo que a metamorfose anda junto com a cidade, a cada foto que vejo hoje, amanhã revejo e ela não é a mesma. Belo Horizonte por si só possui muitas faces e minha pesquisa é identifica-las e reinventa-las sob meu olhar.



## O cinema e suas imagens

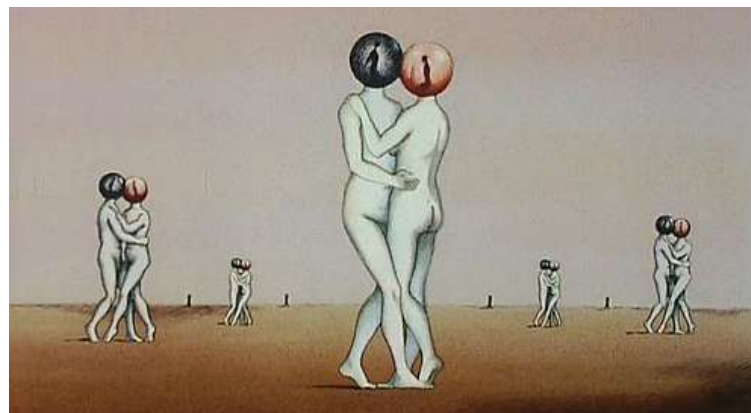
Parte da minha referência iconográfica na colagem vem do cinema. Cresci em uma casa em que todos tinham o hábito de ver filmes. Meus pais tinham o extinto videocassete e com ele várias fitas com clássicos do cinema. Assistir filmes era um hábito comum assim como ir ao cinema nos finais de semana. O tempo só me fez gostar mais do cinema, admiro-o como uma grande forma de arte e por ser um rico campo referencial para minha produção como jovem artista.



(fig. 08: The Holy Mountain ( Alejandro Jodorowsky, 1973)

Os filmes que assisto são uma ida a campo, ou seja, ele se associa diretamente com o processo da busca e exploração de um território. Tal como na cidade volto com bastante material, referencial e simbólico.

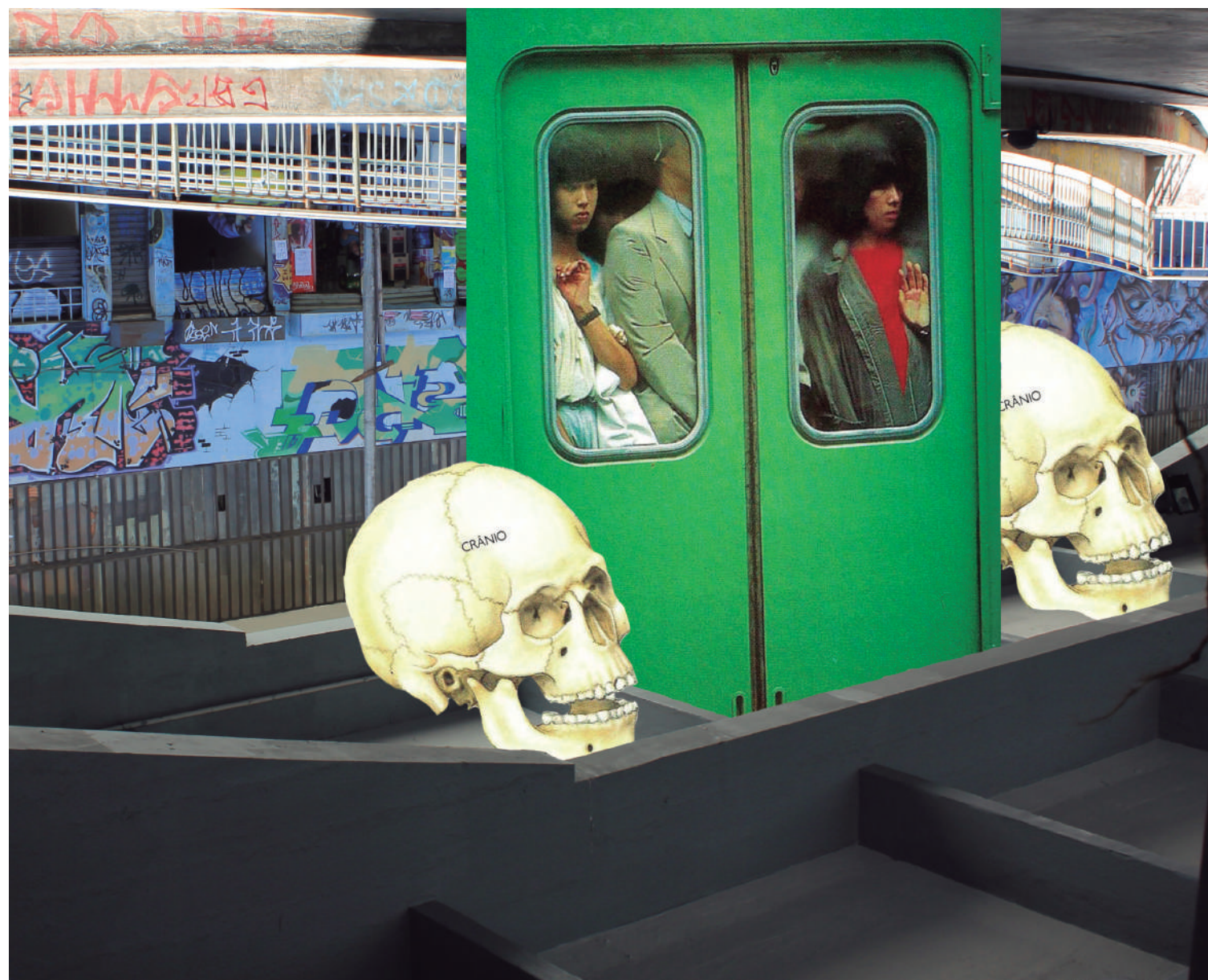
O final do filme é também um caminho percorrido. Enxergo-o como fonte de possibilidades, há uma grande potência visual que pode ser estudada, é um campo fértil para se referenciar sob enquadramentos, efeitos especiais, cenários, personagens, dentro outros. Ele é um impulsionador, percebo que o surgimento de caminhos são também surgimento de interpretações, observações e entendimentos.



(fig. 09: The Dance Of Reality (Alejandro Jodorowsky, 2013)

Com isso adquirei mais sensibilidade para detalhes e sutilezas da narrativa no longa-metragem. Todo o processo da ida a campo também é presente no filme, pois vou ao campo da história que assisto.

(F



(Rotina - Série: Cidade Invadida.  
Colagem, 16x20cm, 2017)





(Aguardados - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 16x20 cm, 2017)





(Infância Poeril - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 16x20cm, 2017)





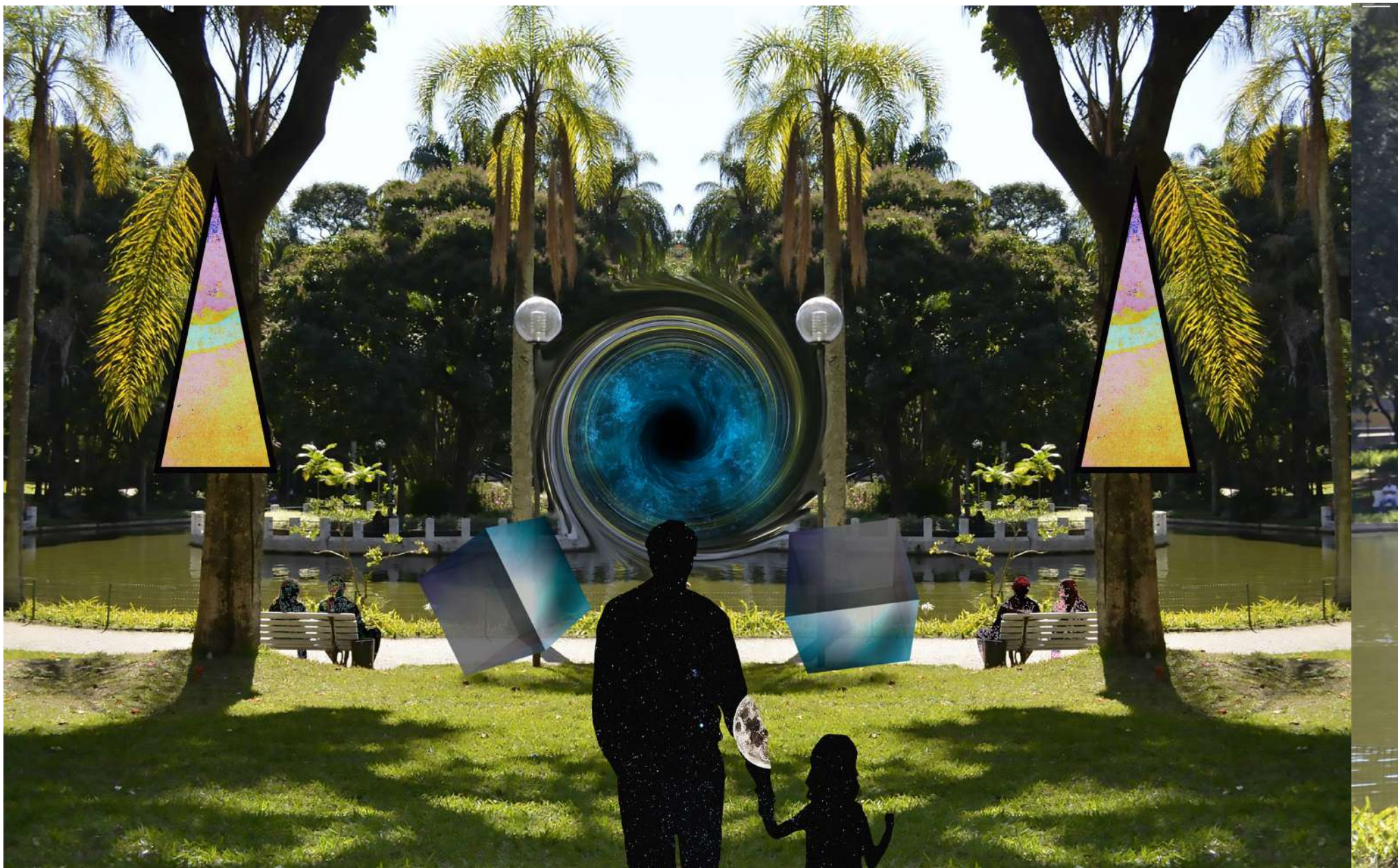
A Noite do Santê - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 42x29,7 cm, 2017)



Alague-se René Gianette - Da série: Cidade Invasida.  
Colagem, 42x29,7 cm, 2017)







(Dia Fatídico - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 24x28 cm, 2016)





Ritual de Tesouragem - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 16x20cm, 2017)

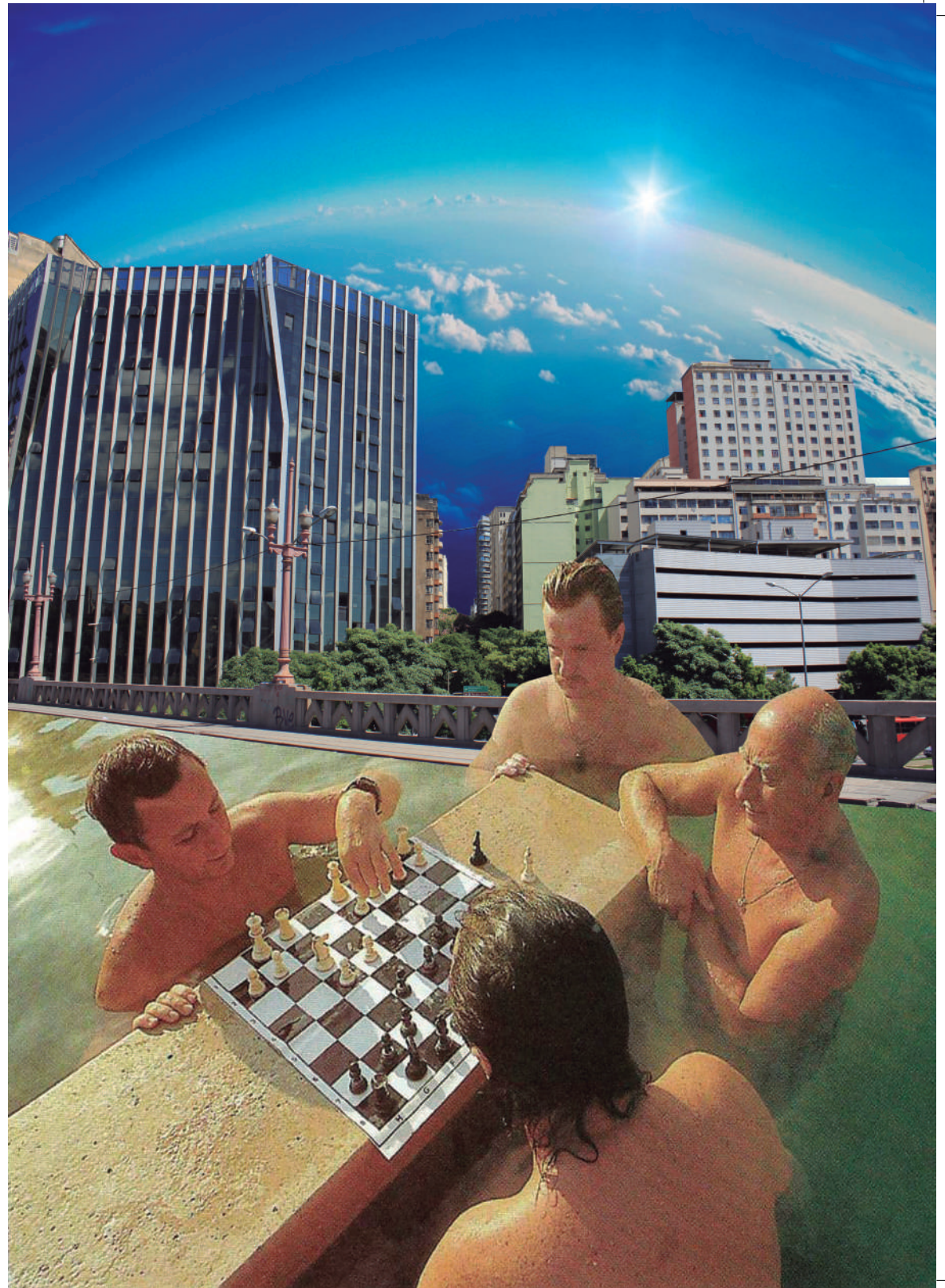




(Exercer? A Mente? - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 42x29,7cm, 2017)



(Domingo no Centro: Cidade Invadida. Colagem,  
16x20cm, 2017)







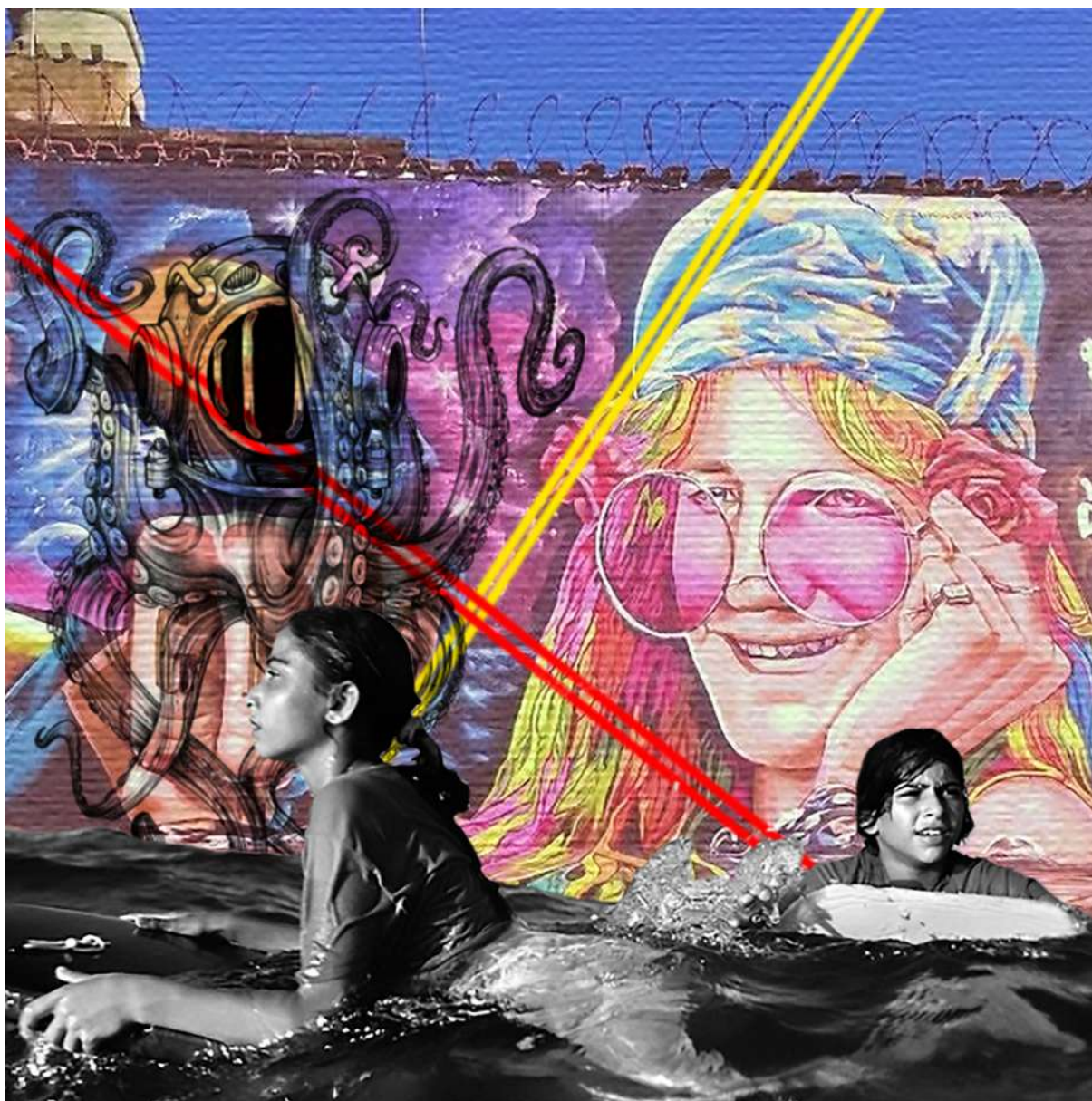
(Somou Entre Nós - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 22x20cm, 2017)





(Passo Largo - Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 23x27cm, 2017)





(Avenida Alaga-se Carlos! Da série: Cidade Invadida.  
Colagem, 30x30cm, 2017)

# FRAGMENSTRUTURA: A CIDADE RECORTE

Demolir recortando e edificar colando são atos no meu fazer como artista. Associar o que acontece com a cidade no nosso cotidiano: transformação. Dela é retirada e acrescentada, cada pedaço é história. Vendo o mapa da cidade e plantas de construções percebo que seu “esqueleto” é totalmente gráfico, com isso o potencial de uma “cidade recorte” surge. Identificar delimitações de ruas, lotes e construções são basicamente os fragmentos que a constitui como recorte. Essa representação do espaço urbano no papel é teoricamente um “recorte matriz” para o recorte fotográfico.

No nosso cotidiano percebo “recortes” que se repetem, identifico os mesmos materiais em diferentes locais da cidade, essa repetição me instiga a investigar cada vez mais os detalhes e transpassa-los também para a colagem. As mínúcias da cidade são traduzidas para mim como traços de personalidade, pois ela se impõe, assim então carrega-los para o meu trabalho é fundamental.


A espacialidade da paisagem junto à sua forma (arquitetônica) serve de impulso para o processo de recorte. Esses fragmentos a medida que recortados vão se acumulando em um “acervo prático” para que eu possa ter mais dinamismo no momento de manuseá-los. Uma outra fonte para minha produção de colagem além dos registros fotográficos são os impressos (jornais e revistas) onde faço uma coleta em minha casa, casas de amigos, familiares, algumas bancas de jornais e sebos. A série é composta por fotos que são fragmentos de estruturais do centro de Belo Horizonte. Seleciono fragmentos com planos em 2D e 3D para explorar um blefe visual derivado de sua junção. Tais fragmentos vão de muros, viadutos, trilhos de metrô, escadas, prédios, ruas, dentre outros. Eles formam novas estruturas a medida que os manuseio e novas paisagens.



Esse fazer surgiu de um dos meus desenhos de observação de paisagem quando levei a grande maioria da minha produção para Escola de Belas Artes no Ateliê de Artes Gráficas. Observando os desenhos junto ao professor e a turma percebemos que ele carregava um início da mistura dos planos 2D e 3D em uma mesma paisagem, um detalhe que eu nunca havia percebido. Nas observações feitas sobre o desenho veio uma proposta de explorar o visual de vários planos, perspectivas, e dimensões na colagem. Me interessei muito e logo aí se deu início a investigação e a série “Fragmenstrutura”.



(Sem título, nanquin, sangria e caneta Posca sobre Cancion, desenho, 42x29,7 cm, 2014)



Essa série é uma investigação sobre as estruturas do centro de Belo Horizonte: pavimentos, passadi-  
lhos, passarelas, edifícios, trilhos, escadas, espaços,  
espaçamentos, entradas e saídas. Investigo-as como  
forma e textura, vou a campo para encontrar certa  
identidade em cada espaço que fotografo. Refiro-me  
a identidade em sua estética de matéria no espaço:  
curvas, retas, ângulos e também a sua textura, dentre  
outros seja ela de seu próprio material ou de uma in-  
tervenção como grafites e lambe-lambes. O processo  
para criação primeiramente se dá com os registros da  
paisagem como um todo para que na foto eu tenha  
mais possibilidades de achar e descobrir coisas para  
o recorte. Fotografo onde há certa estrutura que me  
chama atenção.

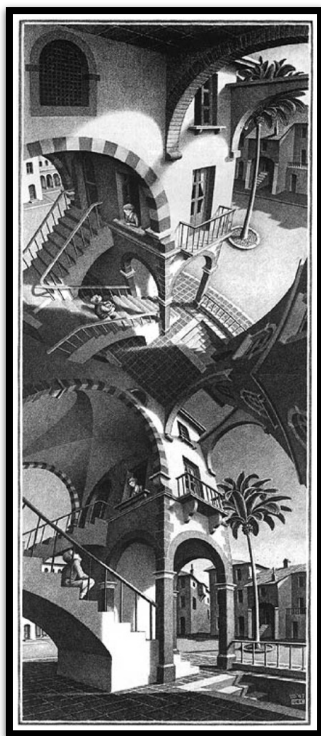
Enxergo as estruturas da cidade como “recortes”  
(Cidade Recorte) já na forma para colagem. Esse  
visual me fez experimentar possibilidades de  
cenários surreais com estruturas de Belo Horizonte  
reposicionadas. Eu procuro remontar a cidade aos  
poucos com seu próprio corpo. É um processo  
reinvenção urbana. Cada estrutura é uma peça  
que para mim é solta em sua essência mas que na  
nossa realidade é fixa em que apenas com o grito de

mudança da cidade a faz desprender. A Cidade para  
mim não é estagnada.

O processo para formar a composição come-  
ça quando chego em casa com o cartão de memória  
cheio da coleta. Primeiro passo todo o material para o  
computador, faço uma triagem e crio um acervo para  
essa série. Uso software para começar desframen-  
tar a cidade. Começo a recortar todas as estruturas e  
agrupa-las em um arquivo para servir de acervo prá-  
tico. Essa série conta com meu acervo de monotipia  
que é usado como fundo. Faço uma remontagem da  
cidade. Começo assentando o primeiro plano com a  
monotipia e depois acrescento as estruturas. Uso o  
plano 3D para interagir com o plano 2D em meio aos  
recortes. Experimento os posicionamentos como a ló-  
gica de um jogo *puzzle*.

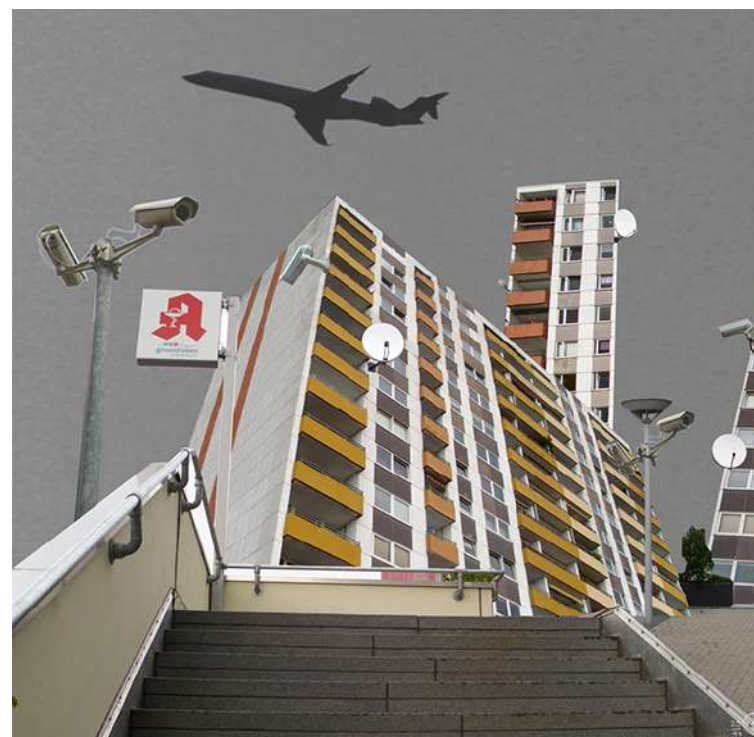
O inventar e reinventar de paisagens é trabalhado  
por dois artistas gráficos que sempre me provocam  
com frequência. São eles: M. Escher e Marko Köeppe.  
Vemos em suas obras um olhar singular e explorador  
sobre planos espaciais, contruções e perspectivas.





(fig. 06: Up and Down. Escher, 1947)

O jogo de planos e perspectivas híbridas é um campo muito rico para a criação de novas paisagens. De certa forma elas convidam automaticamente o olhar para encontrar alguma lógica física no que foi retratado. Como no trabalho do artista M. Escher suas contruções impossíveis retratam o inventar e reinventar sobre uma ótica singular.



(fig. 07: unreal city collage 12, Marko Köeppe)

Marko Köeppe é um designer gráfico e artista alemão que trabalha com colagem. Sua obra de arte é feita com a intenção de mostrar uma nova visão: aumentar o horizonte, misturar, criar algo diferente. “Gosto de abrir uma nova visão, uma nova parte do horizonte. Há sempre mais do que uma única visão de cada coisa.” em suas palavras.

## A monotipia e suas texturas

Parte do corpo da minha produção é feita de monotipia que também faz parte do meu acervo para colagem. Eu as produzo no intuito de explorar especificamente as texturas, cores e formas. Realizo-as em dois lugares que são: o Ateliê de Desenho (na Escola de Belas Artes da UFMG) e em casa em uma mesa de madeira localizada na varanda. O modo com que faço é bem organizado, pois precisa ser. Primeiramente escolho as plataformas para a exposição da tinta gráfica, utilizo sempre duas: um vidro com cerca de 45x30cm e um azulejo com cerca de 40x25cm. Coloco a tinta sobre ambos e a estico com um rolo de borracha, separo um certo espaço para as tintas sem mistura e o espaço restante para as tintas com mistura. Logo após o preparo das tintas exploro as formas e contraformas. Uso recortes de papel para sobrepor nas camadas de tinta em formas e tamanhos variados, procuro criar “layers analógicas” pois tiro papel ora acrescento, passo mais camadas de tinta e acrescento objetos para explorar a forma. Também abro a tinta em texturas já prontas, mudo de plataforma e vou atrás de tudo que me chama atenção graficamente como por exemplo um “ralo de banheiro”. Nesse



Sem título  
Técnica: Monotipia sobre papel  
Dimensões: 42x29,7 cm. Ano: 2016



processo, quando acontece as adições e subtrações de matéria em modo geral vou sempre intercalando o papel para imprimir-las. É um processo bem experimental. Para as impressões uso geralmente o papel algodão e o sulfite, todos os resultados são válidos para mim e viram acervo específico só de monotipia que são utilizadas como recorte e fundo para colagem em sua maioria. O ponto de junção dessa etapa com a monotipia e os outros processos se dá quando escaneio todas as folhas com monotipia e crio um acervo específico no notebook. Após experimentar ferramentas no *Software* de edição de imagem que possam dar uma nova roupagem para a textura e cor. Também faço experimentos com *layers* (camadas) sobrepondo duas monotipias distintas.







(Sem título - Da série: Fragmenstrutura: A cidade Recorte, Colagem, 29,7x42cm - 2017)





(Sem título - Da série: Fragmentos: A Cidade Recorte,  
Colagem, 42x29,7cm - 2017)



(Sem título - Da série: Fragemstrutura: A Cidade Recorte,  
Colagem, 42x29,7cm - 2017)

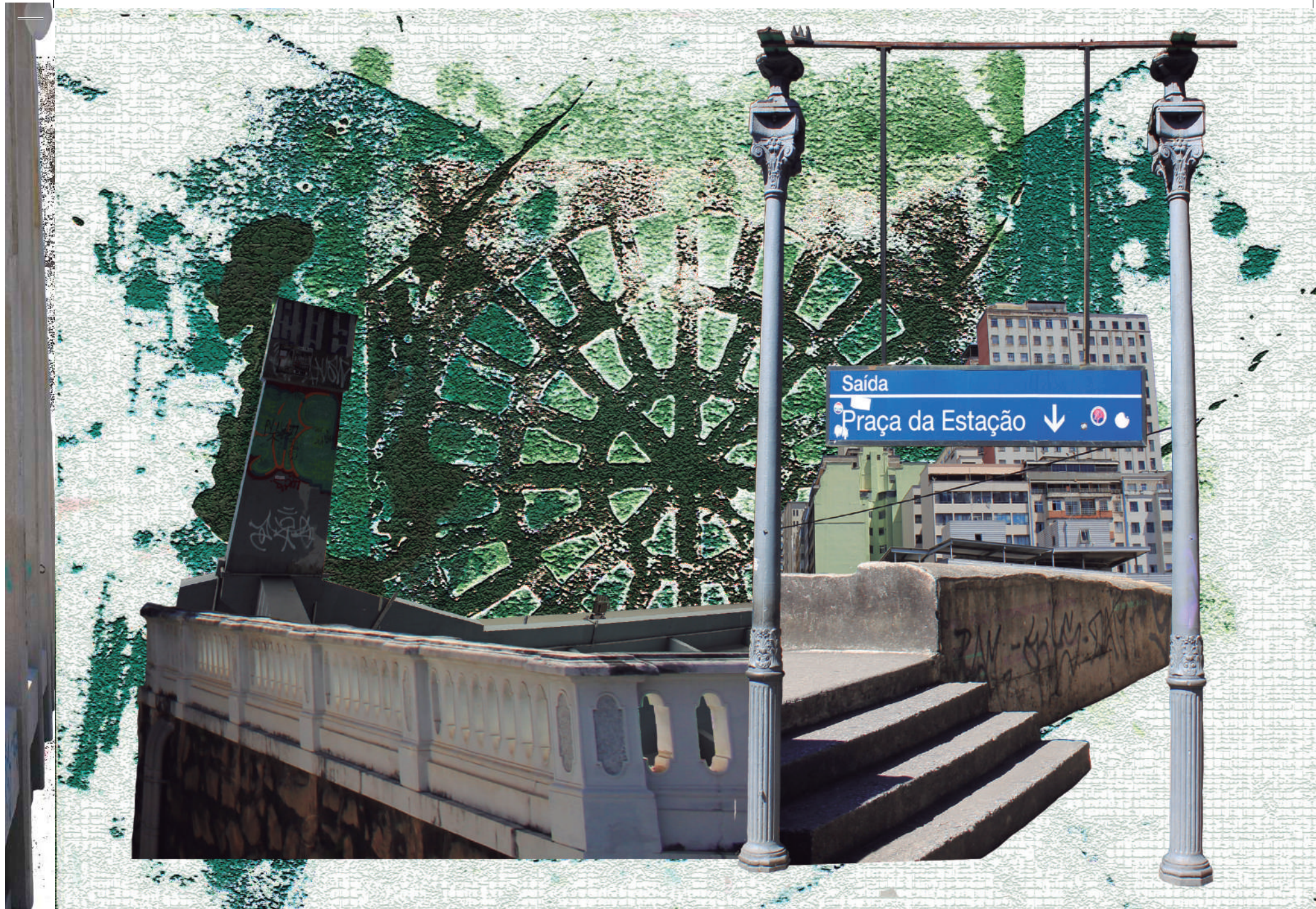






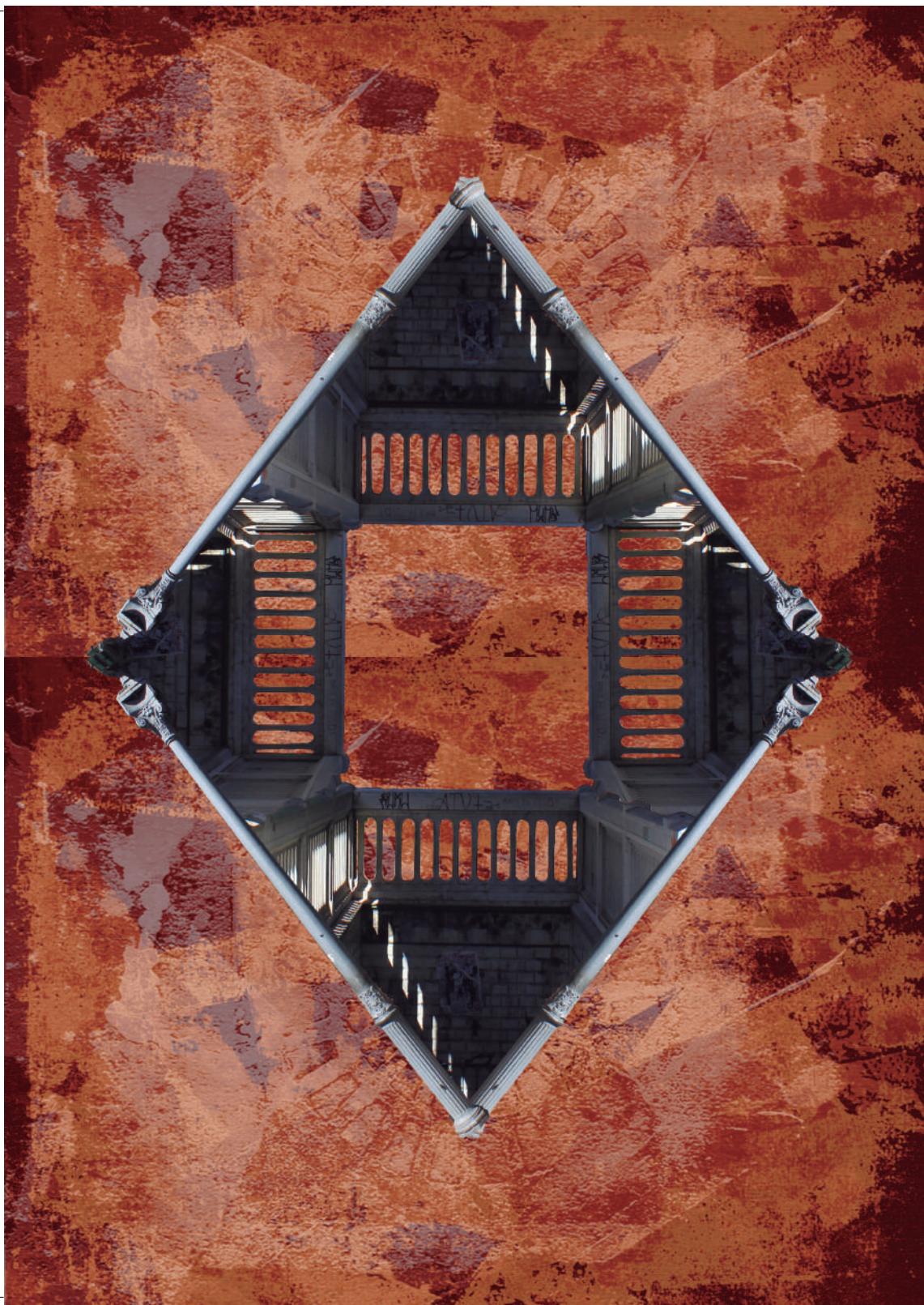
(Sem título - Da série: Fragmenstrutura: A Cidade Recorte, Colagem, 31x35cm - 2017)





(Sem título - Da série: Fragmenstrutura: A CidadeRecorte, Colagem, 31x35cm - 2017)





(Sem título - Da série: Fragmenstrutura: A Cidade Recorte, Colagem, 42x29,7cm - 2017)





(Sem título - Série: Fragmenstrutura: A Cidade Recorte, Colagem, 42x29,7cm - 2017)





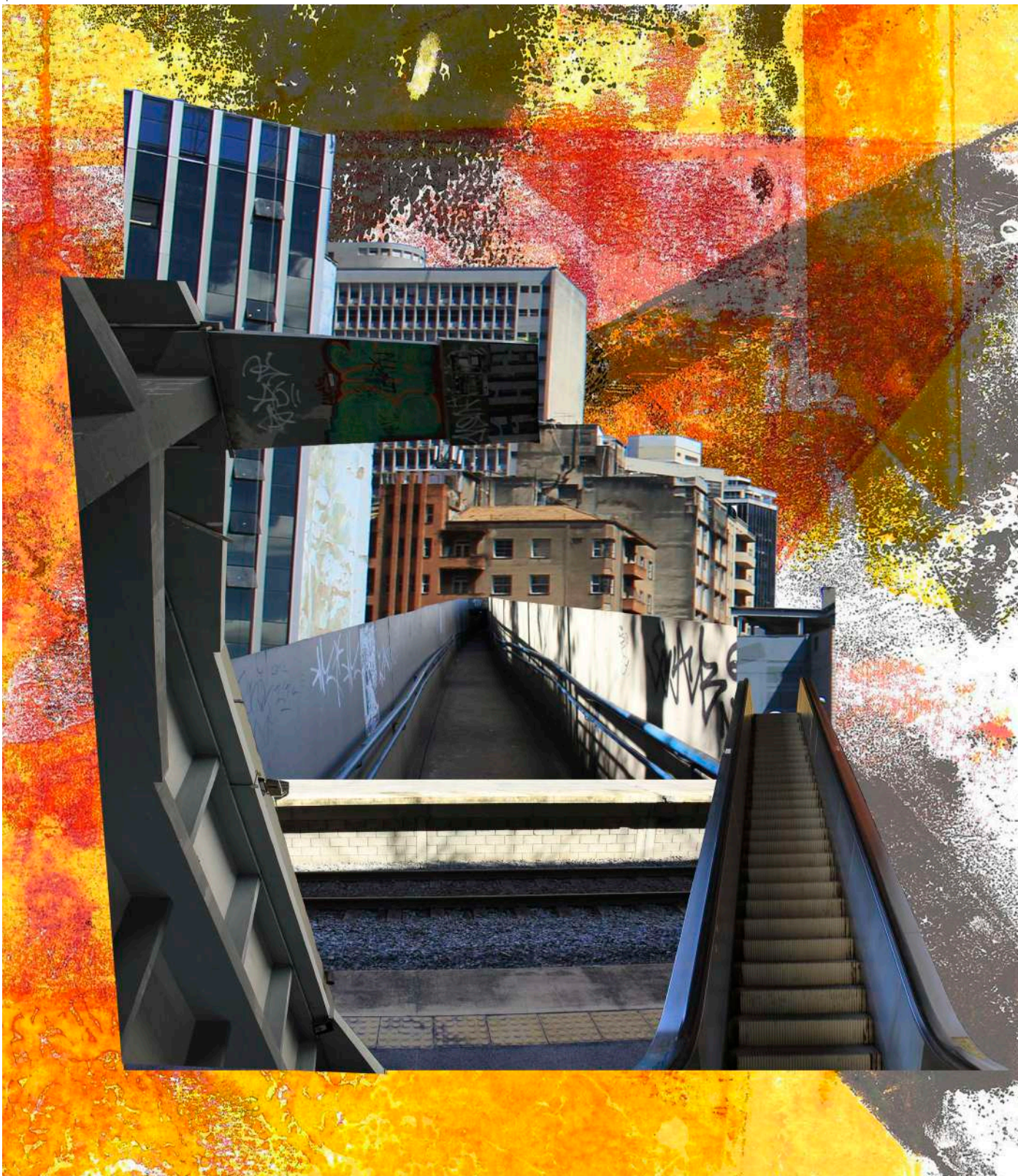
(Sem título - da Série: Fragmenstrutura: A Cidade Recorte,  
Colagem, 32,2x65cm - 2017)





(Sem título - da série - Fragmenstrutura: A Cidade Recorte,  
Colagem, 40x32,7cm - 2017)





(Sem título - Série: Fragmenstrutura: A  
Cidade Recorte, Colagem, 42x29,7cm  
- 2017)



# REABITAÇÃO

A Série “Reabitação” trata-se de colagens em formato gif da cidade de Belo Horizonte reabitada de seres fantásticos e de acontecimentos excepcionais. Tais colagens são animadas em *looping* para proporcionar a sensação de um “curioso estranhamento” de cena. Meu interesse é explorar a contemplação de um lugar “comum” misturado com o surreal. Essa proposta vem sendo produzida através do gif<sup>1</sup> onde mesclo colagem e animação.

A colagem entra em contato com o movimento. As paisagens são colagens de registros fotográficos, derivados de meu processo anteriormente relatado: A ida a campo. Uso recortes de revistas, jornais e de imagens da internet. Essa série possui movimentos localizados em certos pontos (um ou dois no máximo) trata-se de uma ficção onde o cenário é Belo Horizonte. Começo pela animação, escolho os elementos que quero animar nos recortes que faço, não necessariamente uso todos, divido a imagem em vários *frames* salvando todos como fotos para que possa animá-los posteriormente, utilizo o conceito do *stop motion* para dar movimento a imagem. Utilizo *software* para animar a imagem com a transição em quadros. A foto de Belo Horizonte é sempre o plano de fundo inanimado,

isso a faz misteriosa. Procuro um resultado final contemplativo e hipnótico.

---

<sup>1</sup> sigla de graphic interchange format formato para armazenar ficheiros de imagem





Mathieu Bourel - Attraction (gif)

## Mathieu Bourel

O artista alemão Mathieu Bourel trabalha a colagem para criar personagens e cenas que nunca antes vimos. Em sua série intitulada “Duplicity”, ele fratura fotos vintage e organiza-as de várias maneiras em uma única composição; Os pedaços da imagem são extraídos e expandidos, e o rosto de alguém pode aparecer várias vezes em diferentes interações.

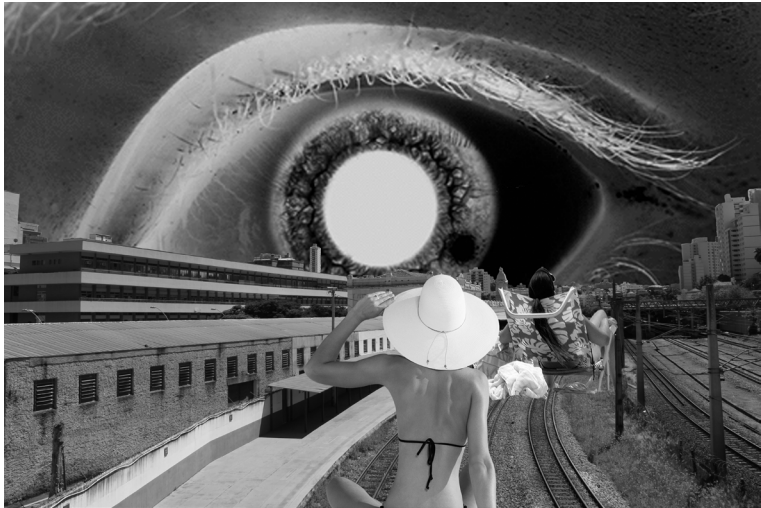
As obras visualmente atraentes têm elementos do surrealismo. Enquanto eles são retratos realistas de pessoas, Bourel transformou seus assuntos para que seus rostos parecessem máscaras ou peças de quebra-cabeças. Cada fatia de um nariz ou um olho se encaixa dentro de outra forma semelhante, mas eles não criam um retrato claro e coerente. Em vez disso, eles estão desarticulados com uma sensação um pouco estranha.

Bourel escreve que ele está interessado no “poder das imagens e suas combinações”, e ele certamente nos mostra isso em suas séries criativas. Ao simplesmente replicar aspectos de uma fotografia, você pode revelar qualidades novas e estranhas.



## GIF EM FRAMES

Todos os gifs relacionados em diante: <https://www.behance.net/gallery/54399751/REABITACAO>



(Observa Antes - Da Série: Reabilitação: Colagem em gif, 2017)





(Tv Fora do Lar - Da série: Reabilitação: Colagem em gif, 2017)





(Imparável - Da série:  
Reabilitação: Colagem  
em gif, 2017)





(Cicli\_Cidade - Da série: Reabilitação:  
Colagem em gif, 2017)





(Distância - Da série: Reabilitação: Colagem em gif, 2017)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho investigamos a cidade como grande fonte de matéria-prima, um campo de coleta. Percebi que o próprio objeto de pesquisa que é tão presente em nossa existência, nos circunda por todos os lados. O uso do “recaminhar” pré-disposto a vivenciar a cidade possibilita um novo olhar capaz de extrair de suas entranhas uma “nova cidade”. Enxergando-a como recorte e corpo gráfico, percebi o quão mutável ela pode ser e que essa é a sua grande essência. Diria que sua função é se adaptar e se readaptar. Essa investigação como caminhante explorador me provocou a criar minhas próprias mudanças (artisticamente) derivando a estética urbana. As séries apresentadas representam esse ponto. A partir desse trabalho me pergunto se a cidade abandonada, esquecida, vazia, pode ser tão rica? Isso me desafia a explorar o até então desconhecido e ausente do urbano.

Conclui-se que o caminhar como prática artística fez-se uma ponte fundamental para as colagens que ainda são trabalhos em andamentos. Percebo que junto a caminhada e resultados das colagens eles podem se desdobrar em várias possibilidades, como: performances e experimentos audio-visuais. A força de representação da colagem é também de apropriação, novos temas podem ser estudados e outros materiais explorados a partir dessa concepção.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Careri, Francesco, Walkscapes – O caminhar como prática estética, Ed. G.Gili Ltda, 2002.

Argan, G. História da arte como história da cidade, Ed. Martins Fontes, 2005.

JAKUES, Paola Berenstein. O Grande Jogo do Caminhar. In: CARERI, Francesco. Walkscapes O Caminhar como prática Estética. Ed. G.Gili, 2013

Ades, Dawn. Fotomontaje (World of Art), Ed. Thames & Hudson, 2002.

Bagatoli, Vera Maria, O Caminhar como poética. Disponível em: <[http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/vera\\_maria\\_bagatoli.pdf](http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/vera_maria_bagatoli.pdf)> Acesso em 16 de jun. 2017

## Imagéticas

Escher, M.C. Up and Down. Disponível em: <<http://www.mcescher.com/>> Acesso 31/05/17> Acesso em 13 de jun. 2017

Alÿs, Francyz. Disponível em: <[http://x-traonline.org/build/wp-content/uploads/old/2012/08/alys\\_Collector3-800x561.jpg](http://x-traonline.org/build/wp-content/uploads/old/2012/08/alys_Collector3-800x561.jpg)>. Acesso em 13 de Jun. de 2017

Alÿs, Francyz. The Collector. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fx-traonline.org%2Fbuild%2Fwp-content%2Fuploads%2Foldd%2F2012%2F08%2Falys\\_Collector3-800x561.jpg&psig=AFQjCNFYA0U50FZ1zrucs9kcDx2fhSLtwQ&ust=1499317504104550](https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fx-traonline.org%2Fbuild%2Fwp-content%2Fuploads%2Foldd%2F2012%2F08%2Falys_Collector3-800x561.jpg&psig=AFQjCNFYA0U50FZ1zrucs9kcDx2fhSLtwQ&ust=1499317504104550)> Acesso em 05 de Abr. de 2017

Magritte, René, The Son of Man. Disponível Disponpivel em: <<https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>> Acesso em 04 de Marc. de 2017

Köppe, Marko, unreal city collage 12. Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/2562385/illusion-City-invented-reality>> Acesso 29 de Jun. de 2017

Bourel, Mathieu, Attraction II. Disponível em: <<http://www.dojo.electrickettle.fr/>> Acesso 25 de Mai. de 2017  
Semáforo (gif) Disponível em: <<https://media.giphy.com/media/f7BBRBHi31KBG/giphy.gif>> Acesso 7 de Jun. de 2017

Planeta (gif) Disponível em: <<http://bestanimations.com/Earth&Space/Planets/mercury-planet-animation-5.gif>> Acesso 12 de Mai. de 2017

Olho (gif) Disponível em: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/d7/38/12/d73812e1c335725af76b9cea06423bb8.gif>> Acesso 25 de Jun. de 2017

Chiado TV (gif) Disponível em: <[https://68.media.tumblr.com/c2cd91127b777579420825c7dd044ea1/tumblr\\_myy5r5yevi1tod7lro1\\_500.gif](https://68.media.tumblr.com/c2cd91127b777579420825c7dd044ea1/tumblr_myy5r5yevi1tod7lro1_500.gif)> Acesso 25 de Jun. 2017

Abelha (gif) Disponível em: <https://media.giphy.com/media/S5rhETcsZLMVq/giphy.gif> Acesso 25 de Jun. de 2017

Relógio (gif) Disponível em: < [https://3.bp.blogspot.com/-q5b\\_BD04SUA/UsYr1t\\_AZnI/AAAAAAAAAJ-E/-6Di4ZU-3tO4/s400/relogio.gif](https://3.bp.blogspot.com/-q5b_BD04SUA/UsYr1t_AZnI/AAAAAAAAAJ-E/-6Di4ZU-3tO4/s400/relogio.gif)> Acesso em Jun. de 2017

Tv1 (gif) Disponível em: < [https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwj-\\_KD8tvHUAhVKI5AKHXOCAYcQjBwIBA&url=http%3A%2F%2F33.media.tumblr.com%2Ftumblr\\_lor-ddyfvMW1qm0me5o1\\_500.gif&psig=AFQjCNEQPvNxaLZ-syFCoDP2tLQY9s0xPA&ust=1499319556306676](https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwj-_KD8tvHUAhVKI5AKHXOCAYcQjBwIBA&url=http%3A%2F%2F33.media.tumblr.com%2Ftumblr_lor-ddyfvMW1qm0me5o1_500.gif&psig=AFQjCNEQPvNxaLZ-syFCoDP2tLQY9s0xPA&ust=1499319556306676)> Acesso em 21 de Jun. de 2017

Tv2 (gif) Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/vice\\_asset\\_uploader/files/1417454387Ryan\\_Seslow\\_CaNz.gif](https://s3.amazonaws.com/vice_asset_uploader/files/1417454387Ryan_Seslow_CaNz.gif)> Acesso 25 de Jun. de 2017



